Dia 14 — São Calisto, Papa e Mártir

Martirológio Romano

O martírio de São Calisto, papa e mártir, em Roma, na via Aurélia; o qual por mandado do imperador Alexandre[^1] foi longo tempo atormentado no cárcere com fome e com pauladas que lhe davam todos os dias; finalmente, tendo sido arrojado por uma janela do edifício em que estava preso e submergido num poço, mereceu a coroa de sua vitória. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santa Fortunata, virgem e mártir, em Cesareia da Palestina; a qual, na perseguição de Diocleciano, depois de haver vencido o cavalete e o fogo e as feras a que foi arrojada e outros tormentos, entregou sua alma a Deus: seu corpo foi depois trasladado a Nápoles da Campânia.

Os santos Carpônio, Evaristo e Priscino, irmãos da mencionada Santa Fortunata, igualmente; os quais, sendo degolados, alcançaram como ela a coroa do martírio.

Os santos Saturnino e Lupo ou Lope, igualmente.

São Gaudêncio, bispo e mártir, em Rimini. (Era bispo desta cidade quando se teve nela um conciliábulo para autorizar a doutrina de Ário: o Santo se apresentou nele e, confundindo os heréticos, desbaratou seus planos. Mas o imperador Constâncio, que favorecia os sectários de Ário, vingou-se do santo Bispo, fazendo-o prender e maltratar, e por fim foi assassinado com inaudita crueldade.)

São Fortunato, bispo, em Todi; do qual diz São Gregório (o Grande, em seu livro *Diálogos*, cap. 20) que foi dotado de maravilhosa virtude para lançar fora os demônios. (Floresceu imperando Justiniano, quando Totila, rei dos godos, invadiu a Itália, de cujo açoite libertou o santo Prelado Todi, sua cidade episcopal, por meio de suas orações e rogos.)

São Burcardo, primeiro bispo de Würzburg, nesta cidade. (Toda a Francônia foi convertida a Jesus Cristo por ministério seu. Por veneração a sua santidade o rei Pepino declarou os bispos de Würzburg duques da Francônia, com toda a jurisdição civil.)

São Donaciano, bispo de Reims, em Bruges, em Flandres.

São Rústico, bispo, em Tréveris.

A ditosa morte de São Domingos Loricato, ou o Encouraçado, no mesmo dia. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Bernardo, confessor, em Arcado, na campanha de Roma.

São Calisto, Papa e Mártir

São Calisto foi romano de nascimento, filho de Domício, e provavelmente de uma daquelas famílias romanas que, tendo tido a ventura de ser instruídas e convertidas à fé de Jesus Cristo pelos Apóstolos, se conservavam na pureza da Religião depois de quase dois séculos. Nada encontramos escrito de São Calisto antes de seu pontificado; só é certo que foi indivíduo do clero romano e que se distinguiu nele por sua eminente virtude, por sua profunda erudição, por sua caridade e por seu zelo, posto que, morto São Zeferino, cujo martírio sucedeu no dia 26 de agosto do ano 218, alguns meses depois, de comum consentimento e a uma voz, foi elevado São Calisto à Sé apostólica.

Durante seu pontificado não padeceu a Igreja perseguição alguma, concedendo-lhe Deus a paz depois da morte do imperador Severo. Havia mais de seis meses que reinava já Heliogábalo, o mais indigno príncipe que desonrou jamais o trono imperial, tão inteiramente entregue a suas infames dissoluções que não tinha tempo nem ainda para lembrar-se dos Cristãos. Nada omitiu o santo Pontífice para aproveitar-se o mais possível desta calma. Excitava o fervor dos fiéis de Roma com suas exortações e os animava mais à acesa caridade com seus exemplos. Sustentada sua pastoral solicitude com o resplendor de sua santidade, atendia eficaz e vigilantemente a todas as necessidades da Igreja. Recobrou seu primeiro vigor a disciplina eclesiástica a esforços de seu desvelo; reanimado em todas as partes o espírito da fé, renovou seus acostumados prodígios em todo o universo; e seu infatigável zelo em todo ele aumentou o rebanho de Jesus Cristo, fazendo novas conquistas.

Ainda amanheceram muito mais serenos aqueles tranquilos e belos dias da Igreja no ano de 222, quando Roma e o império se viram livres de Heliogábalo. Seu sucessor Alexandre mostrou-se tão favorável aos Cristãos que lhes deixou a maior liberdade que haviam tido para exercer sua Religião desde o nascimento da Igreja. Ele mesmo estava muito inclinado a ela e sua mãe Mameia a professava, pelo que o Imperador favorecia em todas as ocasiões os Cristãos dentro da mesma Roma. Tardou pouco em oferecer-se uma de que se aproveitou bem o santo Pontífice. Suscitou-se um pleito entre os Cristãos e os taberneiros de Roma sobre certo sítio que estes pretendiam para pôr nele uma taberna e aqueles para juntar-se a santos exercícios de sua Religião. O Imperador o adjudicou a estes, sem embargo de haver-lhe representado que lho haviam usurpado ao comum. «Não importa, respondeu o Imperador, melhor é que nele seja adorado Deus, seja como for, que o que o ocupe um taberneiro.» Logo que se viu São Calisto em posse dele, levantou ali mesmo uma igreja em honra do parto da santíssima Virgem, por ser antiga e constante tradição entre os fiéis que no instante em que pariu esta Senhora havia brotado naquele mesmo sítio uma copiosa fonte de azeite, para anunciar aos homens o nascimento de Cristo, que é o ungido do Senhor. Chama-se hoje esta igreja Nossa Senhora *trans Tiberim* ou Transtiberina, e desde aquele tempo começaram os Cristãos a ter igrejas públicas à vista dos gentios, com permissão ou com tolerância dos

magistrados.

Pelo mesmo tempo mandou São Calisto fabricar na via Ápia aquele famoso cemitério de seu nome, uma das mais belas peças de arquitetura, tão conhecido na história, o mais capaz e o mais célebre de todos os que há no contorno de Roma, pois se assegura que estão sepultados nele até cento e setenta e quatro mil Mártires e entre eles quarenta e seis Papas.

Sem embargo de haver gozado a Igreja tanta paz em tempo de tão bom Imperador e não obstante o respeito que este Príncipe professava a Jesus Cristo, cujo retrato tinha em seu mesmo quarto e ainda se diz estava em ânimo de erigir-lhe um templo, nem por isso se deixaram de ver alguns mártires em seu reinado, particularmente enquanto esteve ausente de Roma, já pela malignidade dos sacerdotes dos ídolos e dos magistrados e já também por sublevações e motins dos povos idólatras. Neste número entrou São Calisto; e a ocasião de uma perseguição que fez tantos mártires e tanto ilustrou a Igreja foi a seguinte:

No ano 224 do nascimento de Cristo caiu um raio na parte meridional do Capitólio e abrasou uma grande parte daquele soberbo edifício. Ao mesmo tempo pegou fogo em outro templo dedicado a Júpiter, cabeça dos deuses; e desprendendo-se por si mesma a mão esquerda de sua estátua, derreteu-se em meio das chamas. Atemorizaram-se os idólatras com um e outro suceso; juntaram-se os sacerdotes dos ídolos e convieram em que os deuses estavam irritados e que era mister aplacá-los com novos sacrifícios. Destinou-se para este ato público de religião a quinta-feira seguinte, dia dedicado àquela quimérica deidade; mas converteu-se em luto a festa por um suceso mais trágico que os dois antecedentes. Havia-se dado princípio desde o amanhecer àquelas abomináveis superstições e, quando estavam mais enfronhados nelas, o céu, que até aquele ponto se havia mostrado sereno, encapotou-se de repente e rompeu numa tempestade tão desfeita e tão furiosa que quatro sacerdotes dos ídolos perderam a vida à violência dos raios e o altar de Júpiter ficou reduzido a cinza. Apoderou-se dos idólatras tanto temor e tanto espanto que muitos deles fugiram apressadamente até pôr-se a salvo fora da cidade. Outros se retiraram à outra parte do Tibre e, refugiando-se a lugares apartados, encontraram o santo Pontífice com seus clérigos e com uma multidão de fiéis que se haviam juntado para cantar os divinos louvores nos sepulcros dos santos Mártires. Entre os gentios que iam fugindo era um Palmácio, varão consular; e tendo visto toda aquela gente junta, notando também as sagradas cerimônias de nossos divinos mistérios, não pôs a menor dúvida em que todo o estrondo de raios e de tempestades era efeito daquelas secretas cerimônias, feitiçarias e encantos dos Cristãos: ridícula e extravagante opinião que passou logo a ser popular. O mesmo Palmácio, zelosíssimo gentio, foi dos primeiros a delatar os Cristãos ante o Governador, expondo-lhe o que havia visto por seus olhos e tudo o que havia suspeitado. Nada se deteve em deliberar o Governador e deu comissão ao próprio Palmácio para prender aqueles imaginários encantadores e para obrigá-los com todo gênero de tormentos a sacrificar aos deuses do império.

Animado Palmácio de um gênero de zelo que declinava em furor, tomou consigo um destacamento de soldados e levou-os ao lugar onde estavam congregados os Cristãos. Mas com assombroso prodígio, logo que chegaram a ele, todos os soldados perderam de repente a vista e, atemorizados com tão estranho acidente, puseram-se todos em precipitada fuga. Palmácio, mais aturdido que todos, voou à casa do Prefeito e contou-lhe quanto havia sucedido. Nem por isso se deixou de

atribuir aquele novo portento à arte mágica dos Cristãos; e para eludir a força dos supostos encantadores e feiticeiros, acordou-se que era preciso fazer no Capitólio um sacrifício em obséquio de Mercúrio. Mal se havia dado princípio à sacrílega cerimônia, quando uma virgem do templo chamada Juliana, que estava possuída do demônio, começou a exclamar em meio de todo o concurso: «O Deus que adora Calisto é o verdadeiro Deus. Não pode sofrer as abominações de vossa república e castigará todos aqueles que não adoram a verdade.» Fez tanta força a Palmácio esta confissão da verdade pela boca mesma do demônio, compelido de Deus a dar testemunho dela, que saindo dissimuladamente do templo, foi arrojar-se aos pés do santo Pontífice, confessou a voz em grito que não havia outro verdadeiro Deus que o Deus dos Cristãos e pediu-lhe o Batismo com as maiores instâncias. Assim São Calisto como todos aqueles fiéis renderam mil graças ao Senhor por tão milagrosa mudança. Foi Palmácio em breve tempo instruído e batizado, seguindo tão glorioso exemplo sua mulher, seus filhos e seus criados, até o número de quarenta e duas pessoas. Tardou pouco em merecer a mesma ventura um senador de Roma chamado Simplício, grande amigo de Palmácio. À primeira conversação que teve com ele sobre a santidade de nossa Religião, sobre a cegueira do gentilismo e sobre todos os sucessos que haviam passado, abriu os olhos e pediu o Batismo, que recebeu da mão de nosso Santo com outros sessenta e oito domésticos de sua família. Achava-se paralítico havia quatro anos um gentio, por nome Félix, a quem estimava muito Palmácio; visitou-o este e, cheio daquela grande confiança que acompanha sempre uma viva fé, assegurou-lhe que sararia logo de seu acidente se lhe desse palavra de fazer-se cristão. Prometeu-o Félix, fez oração Palmácio e no mesmo ponto ficou são, convertendo-se ele e sua mulher à fé de Jesus Cristo.

Não podiam deixar de meter muito ruído uns prodígios de tanto estrondo. Ainda que o governador de Roma, por não ter ordem do Imperador, procedia lenta e frouxamente nas queixas que cada dia chegavam a seu tribunal contra os Cristãos, pareceu-lhe que já não podia dissimular mais, temendo algum alvoroço do povo. Levantavam o grito os sacerdotes dos ídolos e os pagãos ameaçavam uma sedição se não castigava os que, a seu modo de entender, eram a causa das calamidades públicas. Em tão críticas circunstâncias o Prefeito mandou arrestar todos os recém-convertidos, juntamente com o presbítero Calepódio, que era o que os catequizava e, sem outra formalidade de processo, mandou cortar a todos a cabeça. Deu depois suas ordens expressas para que por todas as partes se buscasse São Calisto, autor de todas aquelas conversões, persuadido de que sua morte sossegaria o furor do povo. Acharam-no em casa de Ponciano, onde regularmente se retirava para celebrar o santo sacrifício e os divinos ofícios. Carregaram-no primeiro de pauladas e depois de cadeias, metendo-o no cárcere, onde o deixaram cinco dias sem dar-lhe o menor alimento. Era o ânimo do Prefeito desfazer-se do santo Pontífice sem ruído, sabendo muito bem que o Imperador tinha inclinação aos Cristãos, que amava sua disciplina e a maior parte de suas máximas, como se explica o historiador deste Príncipe. Os ministros do Governador, inimigos declarados do nome cristão, acrescentavam a este suplício todo gênero de maus-tratos e entre eles uma grande chuva de pauladas todos os dias; martírio que tolerava o santo Pontífice com uma constância e com uma alegria que enchia de admiração os mesmos pagãos. Sustentava-se com o vigor de sua fé a fraqueza de seu corpo debilitado com suas apostólicas fadigas, com suas rigorosas penitências e extenuado com seus contínuos jejuns. Quis Deus recreá-lo em seus tormentos, não só com as doçuras interiores que inundavam seu coração, mas com uma visão que o encheu de consolo. Apareceu-lhe o santo mártir Calepódio e lhe anunciou que se aproximava já o dia de seu triunfo, assegurando-lhe que o dia seguinte receberia a coroa que Deus lhe tinha

preparada no céu. No mesmo dia teve todavia tempo para batizar um soldado, por nome Privado, e para vê-lo repentinamente são de muitas úlceras que tinha abertas em seu corpo; benefício que logrou no mesmo ponto em que foi reengendrado pelas águas do Batismo. Noticioso o Prefeito deste último fato, pronunciou sentença de morte contra o santo Papa e contra o ditoso soldado, o qual expirou à violência dos açoites que lhe deram com correias emplumbadas. Arrojou-se depois o furioso populacho sobre nosso Santo, arrastou-o desumanamente pelas ruas e por fim o lançou num profundo poço, onde pôs fim a seu glorioso martírio no dia 14 de outubro de 224, tendo ocupado a Sé apostólica cinco anos, um mês e doze dias. Dezessete dias depois de seu martírio, um presbítero chamado Astério tirou do poço o santo corpo e o enterrou no cemitério de São Calepódio na via Aureliana. No ano de 854 o conde São Everardo conseguiu do papa Leão IV o corpo de São Calisto e no ano seguinte o fez conduzir ao mosteiro de Cysoing, que o mesmo Conde havia fundado, cuja igreja se dedicou a nosso Santo; mas tendo sujeitado o mosteiro de Cysoing à igreja de Reims, o conde Rodolfo, filho de São Everardo, o arcebispo Foulques ou Fulcão fez trasladar a Reims o corpo de São Calisto para libertá-lo dos insultos dos normandos; e naquela santa igreja é reverenciado com grande concurso do povo.

Nota. Os Pontificais lhe atribuem um decreto em que estabelece as quatro festas chamadas as Quatro Têmporas; o que se confirma nos antigos Sacramentários e em outros monumentos citados por Moretti. Também estabeleceu as ordens nas Têmporas. (Butler.)

São Domingos, por Sobrenome o Loricato, Confessor

A severidade com que este fervoroso penitente empreendeu a penitência por um pecado ou falta em que havia incorrido enganado é uma increpação justíssima daqueles que, depois de haver ofendido a Deus com pleno conhecimento e por mera malícia, se atrevem todavia a esperar um fácil perdão sem atender às circunstâncias que requer o verdadeiro arrependimento. Aspirou Domingos ao estado eclesiástico desde seus primeiros anos e, tendo-o julgado suficientemente qualificado para ele, foi promovido ao presbiterado; em cuja ocasião seus pais haviam estipulado simoniacamente com o bispo um regalo magnífico que por isso lhe fizeram. O santo jovem, que a pouco tempo veio em conhecimento deste crime, condenado por leis divinas e castigado com as penas e censuras mais severas da Igreja, sentiu-se acometido de infinitos remorsos e não puderam persuadi-lo a que se chegasse ao altar a exercer função alguma sacerdotal. Com os sentimentos mais profundos de compunção empreendeu imediatamente um curso austeríssimo de penitência num deserto chamado Montefeltro entre os montes Apeninos, em que um santo varão chamado João passava uma vida austera de contínua penitência e contemplação, com quem estavam também dezoito discípulos fervorosos em outras tantas celas. Entre estes ninguém bebia vinho nem comia carne, manteiga nem semelhantes lacticínios. Jejuavam todos os dias a pão e água, à exceção de domingos e quintas-feiras; descansavam muito pouco tempo de noite e gastavam o mais em oração e labor de mãos. O silêncio era entre eles perpétuo, à exceção de certas horas que nos domingos se concediam de recreio entre Vésperas e Completas. Usavam de flagelações ou

disciplinas em parte de penitência.

Domingos, pois, tendo gasto algum tempo numa ermida de Luceolo, foi em busca daquele superior e pediu-lhe com grande humildade que o admitisse em sua companhia; e tendo sido ouvida sua súplica, na extraordinária austeridade de suas penitências deu uma prova sensível da profunda ferida que a compunção havia feito em seu coração. Passados alguns anos mudou de habitação com licença de seu superior em busca de maior perfeição, no ano de 1042, retirando-se ao deserto de Fonte Avellana aos pés do Apenino na Umbria, que governava então São Pedro Damião segundo a regra de São Bento, que se mudou na dos Camaldulenses no século XVI. Este santo Abade, sem embargo de estar acostumado a ver exemplos de virtudes e penitências heroicas, ficou atônito com o fervor deste admirável penitente. Domingos levava pegada a suas carnes uma túnica de malha de arame, por cuja razão foi chamado Loricato, a qual jamais tirava senão para receber a disciplina ou voluntária flagelação.

Por aquele tempo principiaram a comutar-se facilmente por indulgência da Igreja com os penitentes de débil constituição os cânones penitenciais que impunham várias severas e longas mortificações públicas e secretas, por causa de serem poucos os que tinham espírito para cumpri-las de modo que se tirasse o fruto que nesta disciplina se pretendia. Portanto, vendo que às vezes eram mais perniciosas que salutares aos mesmos penitentes, foram mitigadas com a concessão frequente de indulgências e substituindo em lugar destas peregrinações penitenciais, cruzadas empreendidas por motivos de virtude e em defesa da cristandade e outras boas obras semelhantes a estas. Principiou também a ser espécie de comutação estas disciplinas ou voluntárias flagelações em que o penitente contava três mil açoites enquanto rezava dez salmos, em lugar de um ano de penitência canônica. Todo o Saltério acompanhado de quinze mil açoites foi computado por um século ou cem anos daquela penitência dos cânones. Neste ato penitencial foi Domingos infatigável; sendo de advertir que este ato contrai todo o seu mérito do espírito de compunção com que se exercita. Estando enfermo teve às vezes que misturar um pouco de vinho com a água; mas jamais puderam persuadi-lo a que continuasse este costume depois de restabelecido, ainda em sua idade avançada. Depois de uma ausência que o Santo havia feito de alguns meses perguntou-lhe São Pedro como lhe havia ido. Ao que respondeu Domingos banhado em lágrimas: «Tenho sido um homem sensual.» O que explicado se veio a saber haver sido a causa o haver acrescentado, por obediência e estando enfermo, ao pão seco um pouco de funcho cru em dias de domingo e quinta-feira. Em sua última enfermidade, longe de abater-se o espírito de sua penitência, pareceu haver tomado maior vigor. Na última noite de sua vida rezou Matinas e Laudes com seus irmãos e expirou estando cantando a Prima em 14 de outubro de 1060.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Calisto, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos conspicis ex nostra infirmitate deficere: ad amorem tuum nos misericorditer per sanctorum tuorum exempla restaura. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que estais vendo que continuamente desmaiamos por nossa fraqueza, fortalecei-nos misericordiosamente em vosso divino amor com o exemplo dos Santos; assim vo-lo pedimos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do apóstolo São Paulo aos Hebreus, capítulo 5 (o impresso traz «x»).

Hebreus 5,1-4

> **Latim:** [1] Omnis namque pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis quæ sunt ad Deum, ut offerat dona, et sacrificia pro peccatis : [2] qui condolere possit iis qui ignorant et errant : quoniam et ipse circumdatus est infirmitate : [3] et propterea debet, quemadmodum pro populo, ita etiam et pro semetipso offerre pro peccatis. [4] Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo, tamquam Aaron.

Português: [1] PORQUE todo o pontífice assumpto d'entre os homens, he constituído a favor dos homens naquellas cousas, que tocão a Deos, para que offereça dons, e sacrificios pelos pecados: [2] o qual se possa condoer d'aquelles, que ignorão, e errão: por quanto elle tambem está cercado de enfermidade. [3] E por esta causa deve, tanto pelo povo, como tambem até por si mesmo, offerecer sacrificio pelos peccados. [4] E nenhum usurpa para si esta honra, senão o que he chamado por Deos, como Arão.

Reflexões

Ninguém tem direito de pretender semelhante honra senão o que é chamado por Deus. Mas são sempre chamados por Deus todos os que pretendem? Quantos desgostos se pouparíam! Que ditoso seria cada um em seu estado, se a eleição dele se consultasse só com Deus! Quantos estão empregados no sagrado ministério dos altares que não foram chamados a ele como Aarão! O esplendor de uma dignidade e as grossas rendas de um benefício são muitas vezes o único motivo da vocação e qual costuma ser o que se tem presente para abraçar o estado do mundo? Seria imprudência abraçar com ligeireza o estado religioso, ainda que o motivo seja sempre louvável,

ainda que a vida seja tão quieta, tão perfeita e tão segura. É obrigação, é prudência nos pais não confiar cegamente numa resolução tão generosa dos filhos, nos quais não poucas vezes não há outra reflexão nem outro conselho que uma passageira inclinação: devem suprir com seus salutares conselhos, com uma dilação racional, prudente e moderada, a falta de experiência numa idade pouco madura, sujeita ordinariamente ao desgosto e ao arrependimento. Mas se são necessárias todas estas precauções para abraçar um estado tão santo, que o veneram até os mesmos homens do mundo e o invejam os mais ditosos seculares; serão mister menos miramentos para empenhar-se num estado, numa condição que poucas vezes fez feliz a ninguém, em que todos convêm que é muito mais dificultoso fazer-se santo? Será bastante motivo ser um filho o predileto de seus pais, ser moço de talentos, de boa disposição, esperar uma rica herança, ser o primogênito, ser único, para destiná-lo ao mundo? E pelo comum costuma influir outro motivo mais cristão em tão perigoso destino, ao mesmo tempo que se destinam para a Igreja e para o claustro os filhos mais desgraçados, aqueles que são como o refugo, como as fezes de uma família? Basta que um filho seja o menor da casa para não pôr em dúvida que o chama Deus pela Igreja; mas se as coisas mudam de semblante, também se muda a vocação. Não tem dote competente uma donzela? Sem mais exame julgam seus pais que lhes dita o espírito de Deus que há de ser religiosa. Tem um dote considerável? É uma herdeira rica, mas se inclina ao claustro e ao retiro? Sua inclinação é melancolia, é extravagância, é tentação. Pergunto: será Deus o que preside na eleição destes dois partidos? Será o espírito de Deus o que faz a repartição destes estados? Nada menos: é uma cega predileção, é a ambição, é o interesse, é o direito do nascimento; estes são os que sem consultar ao Senhor decidem soberanamente as sortes dos filhos. E em vista disto, admiramo-nos já de que o mundo esteja cheio de descontentes e de homens desgraçados! Bem pode esperar reveses, desgostos, contratempos, arrependimentos e trabalhos todo aquele que quer ser ele só o artífice de seu destino.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Mateus.

Mateus 10,26-33

> **Latim:** 26 Ne ergo timueritis eos. Nihil enim est opertum, quod non revelabitur : et occultum, quod non scietur. 27 Quod dico vobis in tenebris, dicite in lumine : et quod in aure auditis, prædicate super tecta. 28 Et nolite timere eos qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere : sed potius timete eum, qui potest et animam et corpus perdere in gehennam. 29 Nonne duo passeres asse veneunt ? et unus ex illis non cadet super terram sine Patre vestro. 30 Vestri autem capilli capitis omnes numerati sunt. 31 Nolite ergo timere : multis passeribus meliores estis vos. 32 Omnis ergo qui confitebitur me coram hominibus, confitebor et ego eum coram Patre meo, qui in cælis est. 33 Qui autem negaverit me coram hominibus, negabo et ego eum coram Patre meo,

> qui in cælis est.

Português: [26] Pois não os temais: Porque nada ha encoberto, que se não venha a descobrir: nem occulto, que se não venha a saber. [27] O que eu vos digo ás escuras, dizei-o ás claras: e o que se vos diz ao ouvido, publicai-o dos telhados. [28] E não temais aos que matão o corpó, e não podem matar a alma: temei antes porém ao que póde lan- çar no inferno tanto a alma como o corpo. [29] Por ventura não se vendem doux passarinhos por hum'asse: e hum d'elles não calhirá sobre a terra sem vosso pai. [30] E até os mesmos cabellos da vossa cabeça todos elles estão contados. [31] Não temais pois : que mais valeis vós que muitos pássaros. [32] Todo aquelle pois, que me confessar diante dos homens, tambem eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos ceos: [33] e o que me negar diante dos homens, tambem eu o negarei diante de meu Pai, que está nos ceos.

Meditação

Da vocação ao estado de vida

Primeiro ponto

Considera que todos os estados os dispôs a divina Sabedoria; mas a divina Providência não destina a eles indiferentemente todos os homens. Uns conseguirão facilmente sua salvação no estado religioso e outros no mundo. Proporciona Deus suas graças e seus talentos aos diferentes estados da vida e os reparte entre aqueles que destina a estes diferentes estados. Para ser ditosos e para salvar-nos é mister que cada um esteja naquele estado a que o destina a divina Providência. Para quem não segue a vontade de Deus na eleição de estado tudo são perigos; como ao contrário, todas são seguranças para o que se acha naquele estado a que o Senhor o destinou. Queria Deus que fosses por um caminho; mas tu tomaste outro: tinha-te prevenido as graças correspondentes naquele que te havia assinalado; terá obrigação de concedê-las a ti no outro que escolheste a teu gosto? Era sua vontade levar-te à salvação por esta senda; mas tu escolheste outra que te pareceu melhor. Pois põe a culpa em ti mesmo se encontras nela maus passos, se não te achas com tantos auxílios e se te saem ao encontro muitos estorvos. De tudo isto devemos inferir quanto importa consultar com Deus a eleição de estado e de que consequência é não desviar-nos do caminho que nos assinalar sua vontade. Pois quê, é de nenhuma importância isto de empenhar-se um no estado eclesiástico sem legítima vocação e isto de intrometer-se no sagrado ministério sem que Deus o chame a ele? O interesse da casa, as rendas do benefício, o esplendor da dignidade serão motivos muito cristãos, serão suficientes títulos para suprir a falta de talentos e de vocação? «Amigo, como entraste aqui?» Como entraste no sagrado ministério? Quem te chamou a este estado? Que motivo tiveste? Por que meios chegaste a ele? Que fins te propuseste? Preparaste-te para abraçá-lo com a edificação de teus costumes e com o regramento de tua vida? Tens desempenhado as obrigações deste estado exemplar e dignamente? Bom Deus! Quanta matéria oferece ao temor, quanta ao espanto esta breve pergunta: «Como entraste aqui?» Com quem te aconselhaste para abraçar o

estado do mundo? Foi Deus o que te destinou a ele ou foi acaso o espírito de ambição, o de interesse, o de cobiça e o de liberdade? Moveu-te a abraçá-lo o desejo de tua salvação ou a desordem de tua paixão? Mas se Deus não te chamava, quem te servirá de piloto nesse mar tempestuoso, semeado todo de escolhos? Porventura te havia dado Deus talentos para esse emprego que compraste? Tinhas acaso a capacidade, as prendas que se necessitavam para desempenhar este cargo? Tiveste dinheiro para comprá-lo; mas o dinheiro não dá entendimento, nem dá ciência, nem dá talentos; e se por falta de capacidade cometeste cem desacertos, quem os reparará? À vista disto, admiraremo-nos já da lastimosa corrupção que se encontra em todos os estados! Ó bom Deus, quantos intrusos se veem, quantos homens verdadeiramente desconhecidos costumam ocupar os empregos mais elevados!

Segundo ponto

Considera que, sendo tão necessária a vocação para todos os estados, não é menos necessária a fidelidade para desempenhar as obrigações de cada um. Achas-te já fixo e ligado indissoluvelmente a um estado que não tens arbítrio para mudar? Pois nem penses nem te apliques mais que a santificar-te nele, observando exatamente todos os seus encargos e todas as suas obrigações. Já não é tempo de deliberar na eleição; dúvidas, temores, reflexões, tudo é já fora de razão. Não há outro remédio que fazer o possível para santificar-te no estado de vida em que te achas, se é tal que não podes reclamar contra ele. Depois de haver professado no estado religioso, inútil e vãmente perderias o tempo em examinar se Deus te havia chamado ou não te havia chamado ao do século. Pelo comum estas inquietudes ou estes arrependimentos são sugestões do tentador, que unicamente solicita ter turbadas as consciências. Examina bem as obrigações de teu estado e dedica-te a desempenhá-las com exemplar pontualidade. Quantas mais razões tenhas para desconfiar dos motivos que te meteram nele, com maior fervor e com maior fidelidade o deves dedicar a desempenhá-lo uma vez metido. A melhor prova de que foi legítima uma vocação é a virtude e a observância do que se acha em posse dela. O fiador mais seguro do acerto na eleição de vida é o portar-se nela com edificação e com exemplo. Pelo contrário, será funesta a mais legítima vocação ao estado mais santo e mais perfeito se se desatende ao cumprimento de suas obrigações. Saul foi chamado por Deus para reinar em seu povo; e contudo o mesmo Deus o reprovou por suas infidelidades. Que vocação mais segura, nem a que estado mais santo que a que teve Judas ao apostolado? Em meio disso, dentro do colégio apostólico e aos mesmos olhos de Jesus Cristo, perdeu-se Judas, convertendo-se de apóstolo em traidor infame de seu divino Mestre. É mister, pois, que Deus nos chame ao estado a que nos tem destinados; é mister que consultemos a eleição com o Senhor; é mister que os motivos sejam puros e que o grande móvel de todas as nossas resoluções seja a vontade de Deus e o desejo de nossa salvação; mas uma vez feita a eleição, é mister fidelidade.

Dai-ma, Senhor, por vossa misericórdia; pois ela só me assegurará na eleição que penso fazer ou na que tenho feita já. E sendo preciso que vossa divina vontade nos mostre o caminho que devemos tomar, resolvido estou, mediante vossa graça, a executar quanto for de vosso agrado no que já me haveis posto ou no que me quiserdes pôr.

Jaculatórias

Manifestai-me, Senhor, o caminho por onde quereis que vá a Vós. (Sl 142.)

Pois me haveis dado a conhecer bastantemente o caminho da vida, fazei, Senhor, que nunca me desvie dele. (Sl 15.)

Propósitos

1. Ainda que tenham sido muito prudentes as precauções que se tomaram para assegurar o acerto na eleição de estado; por mais sólidas, por mais racionais que sejam as provas de que Deus nos chamou verdadeiramente a ele, como a vocação não livra dos perigos nem dispensa nas obrigações, o temor e o fervor não se hão de acabar com a eleição. Se todavia estás indeterminado sobre o estado que deves abraçar, consulta-o com Deus; pede-lhe que te alumie; e para elegê-lo não te proponhas outro motivo que sua glória e tua própria salvação. Escolhe um prudente diretor que te determine, advertindo que te importa muito não errar esta eleição. Mas se te achares já em algum estado, não percas tempo em examinar se Deus te chamou ou não te chamou a ele: procura fazer-te santo dentro desse mesmo estado.

2. Se tens filhos, não te metas em destiná-los para este estado nem para o outro; mas dá-lhes bons conselhos sobre o que devem fazer para assegurar o acerto. Pelo demais mostra-te indiferente para qualquer que escolherem e guarda-te bem de dizer-lhes jamais: Fulano será clérigo, nem Fulana, monja. Se a tens a educar em algum convento, dize-lhe claramente que poderá escolher com inteira liberdade o estado que quiser e encomenda-a ao Senhor para que a alumie.

[^1]: Alexandre por si jamais perseguiu os Cristãos; mas os magistrados e prefeitos a quem tinha empregados este Príncipe foram grandes inimigos da fé e por esta causa padeceram vários mártires em seu reinado, aproveitando as ocasiões de sua ausência. (Butler.)

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:37 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:37 by Admin